

A VIVÊNCIA DA PATERNIDADE: ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

THE EXPERIENCE OF FATHERHOOD:
BETWEEN CHALLENGES AND POSSIBILITIESEmanuelle Kist Leturiondo¹, Bruno Pereira de Souza², Joice Moreira Schmalfuss³,
Fernanda Honnef⁴, Cenir Gonçalves Tier⁵ e Lisie Alende Prates⁶

RESUMO

Objetivo: conhecer os significados, os desafios e as possibilidades de homens na vivência da paternidade. **Metodologia:** pesquisa qualitativa, desenvolvida entre os meses de julho e outubro de 2021, com 10 pais. Utilizou-se entrevista individual semiestruturada, seguida de análise de conteúdo temática. **Resultados:** a paternidade foi significada sob a perspectiva de participação e responsabilização do homem pelo cuidado à companheira e ao filho. Entre os desafios, verificou-se a restrição dos profissionais de saúde quanto à presença paterna nos cuidados ao bebê, o horário dos atendimentos e as legislações, que impactam na sua participação nesse processo. Eles sugerem que os profissionais de saúde incentivem a inclusão paterna e o desenvolvimento de estratégias educativas, que permitam maior instrumentalização para o desenvolvimento do cuidado materno-infantil. **Conclusão:** os homens vêm rompendo antigos paradigmas de provedores da casa e estabelecendo uma nova vivência de paternidade. É preciso incluir os pais para melhorar o bem-estar parental e o vínculo com o bebê. São necessárias estratégias educativas, que permitam maior instrumentalização do homem para o desenvolvimento do cuidado materno-infantil.

Palavras-chave: Pai; Relações Familiares; Relações Pai-Filho.

ABSTRACT

Objective: to understand the meanings, challenges and possibilities for men in the experience of fatherhood. **Methodology:** qualitative research, developed between July and October 2021, with 10 parents. Semi-structured individual interviews were used, followed by thematic content analysis. **Results:** fatherhood was defined from the perspective of the man's participation and responsibility for caring for his partner and child. Among the challenges, there was a restriction on health professionals regarding the presence of fathers in baby care, the hours of care and legislation, which impact their participation in this process. They suggest that health professionals encourage paternal inclusion and the development of educational strategies that allow

1 Enfermeira egressa da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6047-2237> E-mail: emanuellekist@gmail.com

2 Enfermeiro. Residente do Programa de Pós-Graduação da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Escola de Saúde Pública de Florianópolis. Florianópolis, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7830-6419> E-mail: brunoenf.souza@gmail.com

3 Doutora em Ciências da Saúde. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0293-9957> E-mail: joice.schmalfuss@uffs.edu.br

4 Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1866-1611> E-mail: fernandahonnef@unipampa.edu.br

5 Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1539-7816> E-mail: cenirtier@unipampa.edu.br

6 Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5151-0292> E-mail: lisiealende@hotmail.com

*greater instrumentalization for the development of maternal and child care. **Conclusion:** Men are breaking old paradigms of being the breadwinners of the home and establishing a new experience of fatherhood. Fathers need to be included to improve parental well-being and the bond with the baby. Educational strategies are needed to enable men to be better equipped to develop maternal and child care.*

Keywords: *Fathers; Family Relations; Father-Child Relations.*

INTRODUÇÃO

Historicamente, o nascimento e o parto eram processos restritos às mulheres que davam à luz na sua própria residência sob cuidados de parteiras, os homens ficavam ao lado de fora e apenas eram avisados do nascimento. Assim, se construiu um modelo familiar tradicional, no qual a mulher tornou-se responsável pela criação dos filhos e pelas tarefas domésticas. Ao homem foi atribuído o papel de provedor da casa, envolvendo-se restritamente com atribuições financeiras (Romano, Silva, Lima, 2023).

Entretanto, na contemporaneidade, o significado de paternidade tem sido modificado com a transformação do papel masculino na sociedade, que apresenta maior participação na criação dos filhos (Cavalcanti, Holanda, 2019). Essas mudanças podem ser explicadas pelo desenvolvimento de estratégias, como a Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005, que viabiliza a presença do pai ou outro acompanhante em todo processo de parto e pós-parto e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, desenvolvida pelo Ministério da Saúde e instituída na Portaria Nº 1.944, de 27 de agosto de 2009, que estimula a participação e a inclusão do homem nas ações de planejamento da vida sexual e reprodutiva, enfocando as ações educativas, inclusive na paternidade.

Outra estratégia que tem contribuído para a inclusão do homem no processo gravídico-puerperal envolve o Guia do pré-natal do parceiro. Este foi criado a partir da Portaria nº 1.474, de 8 de setembro de 2017, sendo considerado como procedimento no Sistema Único de Saúde, capaz de reforçar a importância da paternidade mais participativa e ativa, como também viabilizar o cuidado com a saúde do homem, por meio de abordagens de saúde, que até então eram restritas à gestante (Brasil, 2023).

Apesar da criação desses dispositivos, são necessários muitos avanços para garantir a maior participação dos homens nas vivências ligadas à gravidez, parto, puerpério e à criação dos filhos. As divisões de gênero permanecem presentes nas relações familiares, fazendo com que grande parte dos cuidados à criança sejam considerados como uma responsabilidade feminina. Logo, ainda existem muitos obstáculos para o alcance da igualdade de gênero no contexto doméstico, uma vez que as mulheres continuam sendo responsabilizadas pela maior parte das atividades no meio familiar (Vieira, Françoze, 2021; Lima *et al.*, 2021).

Além disso, existem barreiras, que levam à exclusão e à falta de estímulo para o envolvimento paterno no cuidado à família. Culturalmente, os serviços de saúde promovem ações e atividades voltadas ao público feminino, gerando distanciamento do homem na vivência do processo gravídico-

-puerperal (Henz *et al.*, 2017). Nessa perspectiva, vale destacar que o profissional de saúde pode representar o principal mediador no processo de transformação paterna e na sua inclusão nos cuidados à saúde materno-infantil. Para isso, precisa investir em ações que promovam a autoconfiança e o conhecimento do homem, além de reforçar a importância do apoio à sua companheira (Costa *et al.*, 2023).

Na literatura nacional e internacional, o envolvimento do pai na maternidade é conhecido por contribuir para o bem-estar físico e psicossocial da mulher, reduzir os índices de violência doméstica, promover o fortalecimento do companheirismo entre o casal, colaborar para a divisão de tarefas e o desenvolvimento de laços afetivos (Andrade, 2020; Andrews, Ayers, Williams, 2022). No parto, por exemplo, a participação do companheiro contribui para o aumento nas taxas de parto vaginal, redução de analgesia peridural e nas taxas de cesárea (Bohren *et al.*, 2019). Ainda se reconhece que a participação do pai é capaz de contribuir para o vínculo pai-bebê, aumentar o apego paterno, além de proporcionar melhores resultados físicos, sociais e psicológicos para a criança (Winter *et al.*, 2021; Andrews, Ayers, Williams, 2022).

Considera-se necessária a realização de estudos sob a perspectiva masculina, pois a chegada do bebê pode representar um momento especial na vida do casal. Contudo, essa experiência, muitas vezes, é vivida de forma diferente pelo homem e pela mulher, considerando seus padrões fisiológicos e emocionais (Bernardi *et al.*, 2023). Logo, compreendendo que mulheres e homens percorrem caminhos distintos para a parentalidade, considera-se fundamental dar luz às vivências paternas nesse processo.

Desse modo, buscou-se responder a seguinte questão de pesquisa: quais os significados atribuídos, os desafios e as possibilidades para promover a participação paterna, na perspectiva de homens-pais? Nesse sentido, o objetivo foi conhecer os significados, os desafios e as possibilidades de homens na vivência da paternidade.

METODOLOGIA

Estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido entre os meses de entre julho e outubro de 2021, de forma online e síncrona por meio da plataforma *Google Meet*®. A pesquisa se deu nesse formato em virtude do contexto pandêmico da COVID-19, vigente na época.

Os participantes foram homens, que desempenhavam a paternidade no contexto familiar. Como critérios de inclusão, considerou-se os seguintes aspectos: pais biológicos ou não, independente da faixa etária, do sexo biológico, da orientação sexual e/ou da identidade de gênero, cujos filhos, biológicos e/ou adotivos, já tinham, no mínimo, um mês de vida. Esse período foi definido previamente, pois entendeu-se que seria importante o participante ter vivenciado experiências relacionadas à gestação, parto, nascimento, puerpério e criação/cuidado dos filhos. Se houvesse pais adotivos, estes deveriam ter, no mínimo, o convívio com a criança há pelo menos um mês de vida e terem vivenciado experiências relacionadas à gestação, parto, nascimento e puerpério. Não foram estabelecidos critérios de exclusão.

A coleta de dados envolveu a técnica de entrevista semiestruturada. Esta foi conduzida por um acadêmico do curso de Enfermagem, o qual possuía experiência prévia na realização de pesquisas qualitativas e, também, foi capacitado para a aplicação do roteiro previamente construído.

Realizou-se, inicialmente, teste piloto com um participante indicado pela pesquisadora responsável pela pesquisa. Após a transcrição dos dados dessa entrevista, constatou-se que não eram necessários ajustes no roteiro e, com isso, o material foi incluído na análise.

Após, solicitou-se que esse participante indicasse outro possível participante, considerando os critérios de inclusão, conforme orienta a técnica de *snowball* ou bola de neve virtual (Costa, 2018). É válido salientar que, ao longo da coleta de dados, foi necessária a sugestão de novos participantes pelos próprios pesquisadores, pois alguns participantes não forneceram novas indicações.

O contato aos participantes indicados se deu por meio das redes sociais (Facebook®, Instagram® e/ou WhatsApp®). Nessas ocasiões, realizou-se o convite para participação, por meio da apresentação do tema e objetivo da pesquisa, assim como o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em forma digital.

Ressalta-se que 26 pais foram convidados para participar do estudo. Apesar de não ter sido manifestada recusa formal, 16 deles não retornaram, mesmo depois de três tentativas de contato. Dessa forma, houve a inclusão de 10 participantes.

A partir da manifestação de aceite, realizou-se o agendamento da coleta de dados, mediante a disponibilidade de cada um dos participantes. No dia da entrevista, ainda se solicitou o registro do aceite do participante, com o uso da gravação de áudio e vídeo. As entrevistas ocorreram de forma individual, em um único dia. Foi solicitada autorização dos participantes para a gravação do áudio e vídeo das entrevistas.

Na sequência, os materiais coletados foram submetidos à análise de conteúdo temática (Minayo, 2014), resultando na obtenção de três categorias temáticas. Conforme recomenda a Resolução 466/2012, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Instituição de Ensino, mediante Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 47942621.0.0000.5323 e parecer 4.798.890. Para garantir o anonimato, foi utilizada a letra P de “Participante”, seguida de algarismo arábico, e com o intuito de assegurar a transparência e a qualidade das informações, empregou-se o *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Studies* (COREQ) na redação do manuscrito.

RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida com 10 pais heterossexuais, na faixa etária entre os 23 e 38 anos de idade. A maioria (n=6) deles autodeclarou-se branco e os demais pardos (n=3) e preto (n=1). Em relação à escolaridade, a maior parte (n=5) apresentava ensino superior completo. Na sequência, os demais possuíam ensino superior incompleto (n=3), ensino médio completo (n=1) e ensino médio incompleto (n=1). A maioria (n=9) possuía trabalho fixo remunerado e residia com a companheira e

o(a) filho(a) (n=8). Durante o período de coleta de dados, eles tinham apenas um(a) filho(a) e ele(a)s tinham entre dois meses e dois anos e três meses de vida.

A primeira está direcionada para os significados à paternidade pelos participantes; a segunda aponta as dificuldades enfrentadas pelos pais para participar da vivência gravídico-puerperal nos serviços de saúde; e a terceira aborda as possibilidades indicadas pelos participantes para promover a participação paterna no processo gravídico-puerperal.

“DESCOBRINDO O QUE É SER PAI”: OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À PATER- NIDADE

A transição para a paternidade pode ser marcada por diferentes significados. Na perspectiva dos participantes do estudo, a paternidade foi frequentemente representada como participação. Eles consideraram que ser pai significava ser e estar presente na vida, no cuidado, no desenvolvimento e na criação dos filhos.

*Pai não é só no papel, é brincar, é participar na hora de trocar fralda, dar banho (P1).
Eu acredito que seria estar sempre presente, desde o início da gestação, no pré-natal. É fazer todo o acompanhamento, que nesse período você já aprende muita coisa também sobre o filho [...] poder participar do desenvolvimento do filho. Cada coisa nova que ele aprendeu, quando começa a falar, a andar. Então, é participar 100%, desde o início da gestação até o desenvolvimento do filho. Paternidade acho que é o acompanhamento do filho (P2).
A gente vibra a cada conquista, a cada passo, cada coisa nova que ele aprende (P4).
É tu acompanhares o teu filho, tanto quando ele está doente ou aprendendo alguma coisa. Estar ali junto! A maternidade é um lance bem forte, mas a paternidade também. Tu tens que estar ali. Tu estás criando uma pessoa (P5).
É estar presente. É vivenciar, amar, educar, compartilhar. É fazer parte da vida do teu filho e da tua companheira [...] é a figura da pessoa que vai ter o cuidado com o teu filho, que vai estar ao lado dele nos momentos alegres e felizes e vai compartilhar a vida (P10).*

Diante desse contexto, observou-se que a paternidade, segundo alguns participantes, significa compromisso, responsabilidade e trabalho. Eles atribuem à paternidade a importância de ser uma referência, criar pessoas melhores para o mundo e ao desejo de vivenciar esse processo diferente da forma como eles experienciaram enquanto filhos.

*É emocionante, é um compromisso. É tu criar aquele ser para o mundo para que ele não cometa os erros que tu cometeu [...] é o melhor trabalho da vida ser pai. É um trabalho para o resto da vida, que tu não tens aposentadoria [...] é indescritível ser pai (P1).
De alguma forma a gente quer dar uma criação diferente do que a gente teve, dar mais oportunidades, dar mais carinho, dar mais atenção. Pai é ser exemplo (P4).
A paternidade é um lance essencial na vida de uma criança. Ser pai é o negócio mais legal do mundo. É ter um propósito na vida. Tu tentar ser alguém melhor para aquela pessoa (P5).
Eu me modifiquei como pessoa, eu amadureci, eu melhorei as minhas relações. Então, ser pai é aprendizado, é doação. É ser um companheiro, um amigo, uma referência (P6).*

Os participantes também associaram a outros aspectos. Dentre eles, o cuidado, auxílio, proteção, carinho, atenção, ajuda e apoio aos filhos.

É o cuidado, é o auxílio. Ser pai é ser participativo, ser protetor [...] carinhoso, cuidadoso (P3).

Paternidade é amor, carinho, atenção. É futuro. É um sentimento que não tem como explicar (P4).

Acho que dar apoio emocional resume tudo. Eu vivo para ver ele crescer [...] eu me modifiquei como pessoa, eu amadureci, eu melhorei as minhas relações. Então, ser pai é aprendizado, é doação. É ser um companheiro, um amigo, uma referência, estar sempre próximo dele e sempre ser o apoio para quando ele cair e ajudá-lo a levantar sempre (P6).

Acho que paternidade é participar. É dividir todas as tarefas. É estar presente, é formar uma pessoa para o mundo [...] é dar carinho, afeto, atenção, educação. Ser pai vai muito além do aspecto biológico. Ser pai é dividir as dificuldades, é orientar, é amar, é ajudar em todas as etapas da vida. É ser o porto seguro da pessoa que a gente escolhe criar (P7). Estar junto, amor, cuidar. Dar bastante amor e carinho [...] ser responsável [...] ser pai é ser amigo, leal (P8).

É amor, carinho, ajuda [...] é um sentimento muito bom [...] eu ainda estou descobrindo o que é ser pai [...] ser pai é proteger, dar atenção, carinho, amor [...] tentar fazer de tudo por ele, ajudar da forma que der (P9).

Nessa mesma perspectiva, os participantes destacaram a importância de seu envolvimento na gestação, parto, pós-parto, nascimento e nos cuidados com o bebê. Para eles, o desejo de se envolver nessas vivências está associado ao amadurecimento, à empatia, ao reconhecimento sobre a necessidade de apoiar e cuidar da sua companheira, ao fortalecimento de vínculo familiar e a importância da divisão compartilhada de tarefas.

O pai amadurece um pouco a cada dia, a cada consulta [...] no nascimento e pós-parto tenta-se colocar no lugar da mãe. Nos cuidados, é importante não deixar a mãe sobrecarregada [...] a mãe precisa descansar. Fortalece o vínculo entre o casal e facilita todo o processo mais tarde (P1).

Estar presente, apoiando, participando de tudo, fica uma situação bem mais tranquila para mãe (P2).

Não sei se ela tem memória disso, mas eu lembro que quando ela era bebê, as mesmas coisas que eu brincava quando ela estava na barriga, eu brincava depois do nascimento e ela ficava bem atenta, e eu acho que é bom para criação do vínculo de pai com a filha [...] e para família (P3).

Para o bebê, é o reconhecimento como pai. E para a mãe, é o apoio, a segurança [...] ela saber que tem alguém para contar, alguém que pode confiar [...] eu acho que é muito importante os homens se envolverem para realmente dar apoio, não só emocional, mas afeto, carinho e atenção (P4).

Quanto ao bebê, sem dúvidas, gera e ajuda a fortalecer o vínculo. Os primeiros meses é só da mãe e dele, então, ajuda a criar esse vínculo até que ele possa entender quem é o pai e associar a figura paterna, até aí, o pai já vai estar muito mais conectado à criança (P6).

Eu acredito que o maior benefício seja o afeto. O afeto com teu filho e com a companheira. São momentos que vem fortalecer esse afeto entre homem, mulher e filho (P10).

Os participantes enfatizaram a importância da sua participação a partir da presença, da formação de vínculo e afeto com o bebê. Também reforçaram a necessidade de não sobrecarregar a companheira na realização dos cuidados.

“EU QUERIA ESTAR JUNTO”: DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PAIS PARA PARTICIPAR DA VIVÊNCIA GRAVÍDICO-PUERPERAL NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

De forma geral, os participantes mencionaram que não tiveram dificuldades para participar do processo gestacional. Eles relataram sobre a sua participação nas consultas de acompanhamento pré-natal e sobre a possibilidade de esclarecer as dúvidas com os profissionais que assistiam as parceiras nesse período.

Eu, particularmente, não encontrei dificuldade, mas muitos pais devem ter encontrado, justamente pelo horário de trabalho. A gente sabe que é complicado. Não é todo mundo que consegue. Mas eu me programei [...] eu queria estar junto [...] caso precisasse, eu não iria trabalhar e iria para a consulta. Tinha que ter uma política de governo ou até mesmo da cidade, que liberasse a participação do pai nesses momentos, com a mãe e com o filho (P1). Não tive dificuldade nem obstáculo algum [...] tudo que eu levava de demanda para o profissional, ele me respondia, sem problema nenhum. Eu não sei se vocês têm alguma cartilha ou algo sobre o que uma mãe tem que tomar de medicamento, alimentação [...] poderia ter uma cartilha com coisas básicas (P3).

Apesar de não terem encontrado dificuldades, um dos pais comenta sobre a necessidade de legislação municipal que contribua para a garantia da presença paterna nesse período. Outro pai também salienta sobre a possibilidade de uma cartilha, que fornecesse orientações aos pais.

Na sequência, os pais indicaram barreiras vivenciadas na vivência do parto e nas consultas pediátricas e vacinas. Em se tratando do parto, um deles mencionou que existem barreiras nas instituições, que dificultam a presença do pai. Em relação ao bebê, P6 destacou que, culturalmente, é atribuída à mãe a função de acompanhar o bebê nas consultas e na vacinação. Com isso, muitas vezes, os pais têm dificuldades em participar desses momentos.

Eu acho que em nenhum momento os profissionais colocam barreiras nesse sentido [...] em acompanhar o período gravídico [...] Mas em relação ao parto, a gente vê barreiras das instituições [...] Eu acho que o homem tá mais empoderado do que é direito dele, de poder participar do parto de estar junto com a mulher (P4).

Até o momento não tinha, mas agora nas consultas, eu tenho tido restrições para entrar nas consultas pediátricas ou vacinas, apenas um de nós pode entrar. Então, geralmente, os profissionais falam “entra a mãe”, eu me sinto um pouquinho excluído. Eu sempre falo que o pai é sempre secundário, quando os profissionais pedem alguém para acompanhar o neném, eles já perguntam se a mãe vai entrar ou não, e nunca ninguém me pergunta se eu quero entrar no lugar dela. Eu acho que é cultural, os profissionais ainda não entendem que muitos pais têm vontade de entrar junto. Acho que poderia ter um pouco mais de empatia com os pais que até então, na nossa sociedade, o homem não participa dessas coisas (P6).

Embora não tenha sido relacionado como uma dificuldade, um dos participantes mencionou a licença paternidade. Ele afirmou que conseguiu usufruir desse direito e pode ficar com o filho.

Não tive dificuldades. Acho que não tem muito o que fazer, porque eu já fiquei os cinco dias que a empresa proporciona. Acho que é lei e eu consegui aproveitar, ficar com ele, mas acho que não tem muito o que fazer (P9).

Apesar de não ter sido indicado como dificuldade pelo participante, ele acreditava que não havia o que fazer com relação ao tempo fornecido pela empresa, mediante a lei. Nesse sentido, ele se concentrou em aproveitar o período disponibilizado.

“É MUITO IMPORTANTE ESTIMULAR”: POSSIBILIDADES PARA PROMOVER A PARTICIPAÇÃO PATERNA

Os participantes pontuaram possibilidades que poderiam ser ofertadas pelos profissionais da saúde para promover a participação paterna no período gravídico-puerperal. Nesse sentido, eles mencionaram a inclusão do pai nas consultas, a liberação da atividade laboral garantida por lei para participação paterna, a realização de visita domiciliar, o fornecimento de cartilhas, orientações sobre amamentação ou a introdução de fórmulas, quando necessário.

Tentar incluir o pai em pelo menos uma, duas ou três consultas, aquelas que os profissionais considerassem as mais importantes [...] acho que deveria ter uma lei/política de governo, que incluísse o pai nas consultas, por exemplo, liberar do horário de trabalho para ele poder ir [...] fazer uma visita domiciliar, se bem que a visita domiciliar também é em horário de trabalho dos pais. Umas cartilhas, caso o pai não consiga ir às consultas (P1). Eu tive esse problema no pós-parto, na amamentação [...] quanto ao vômito. Deveria ter uma orientação para os pais que isso é normal, que pode acontecer [...] Mais orientação em todo o período do parto [...] eu acho que uma orientação aos pais seria interessante, um passo a passo, ou quem sabe uma cartilha com coisas básicas [...] no pós-parto, algumas questões sobre amamentação, que eu gostaria de saber e não sabia, do leite adicional, que é a fórmula química, porque eu tinha idealizado que era só o materno, mas não, pode acontecer que não consiga dar o materno, por causa de algum problema da criança, da mãe (P3).

Alguns pais destacaram a importância de os profissionais de saúde estimularem a participação paterna nesse processo. Nesse sentido, um deles indicou a necessidade de que os homens compreendam a gestação como um evento que ultrapassa os aspectos biológicos vivenciados pela mulher.

É estimular de forma geral [...] É que os homens não tentam participar desse momento, não sei se é uma questão cultural ou se é uma questão pessoal de cada pai [...] Eu acho que é muito importante estimular o homem a ir para fazer o pré-natal [...] O estímulo no SUS eu acho que não é tão forte, tanto no parto quanto no pós-parto, por querer barrar de acompanhar o parto, eu acho totalmente errado e a gente ouve relatos [...] Já é muito difícil a gente ver o homem pensando no cuidado da própria saúde [...] A gente vê mais a mulher [...] fazer ações, promover de alguma forma o incentivo, demonstrar a importância do marido participar diretamente em todo esse processo, eu acho que seria algo legal (P4).

Acho que muitos companheiros e pais precisam entender que o período da gestação não é só da mãe, que tem muita coisa que os pais podem fazer, e isso às vezes não é dito e acaba caindo né no colo da mãe sempre [...] É cultural, de achar que é coisa da mulher fazer [...] eu acho que os profissionais que trabalham junto das famílias, podem achar uma forma de introduzir essas questões já desde a primeira consulta, lembrar ao pai que ele é parte ativa da situação toda, que não é só um apoio, um auxílio (P6).

Eu acredito que o papel dos profissionais de saúde seja mais no incentivo, de relembrar os pais que eles têm esse dever de participar do momento do nascimento do filho ou da filha, que é uma obrigação deles [...] mas eu acredito que seja essa uma das possibilidade que os profissionais da saúde tem, de poder orientar, demonstrar “pai, a tua mulher está gestando e tu precisa estar com ela e com teu filho nesse momento, tu precisa dar o apoio necessário e tu precisa realizar tuas obrigações em relação a isso, para que seja o melhor possível”. Durante o nascimento, eu entendo que é questão de escolha participar desse momento. [...] Eu vejo como extrema importância a participação do pai nesse momento, tanto no apoio a mulher como no desenvolvimento do seu filho (P10).

Os participantes indicaram que, culturalmente, muitos homens optam por não participar dessas vivências. Entretanto, segundo eles, a participação paterna é fundamental nesse período.

DISCUSSÃO

Nos últimos anos, a perspectiva de paternidade vem sendo modificada, tendo em vista a importância que tem sido atribuída a participação paterna no incentivo e apoio durante todo processo gravídico-puerperal. O envolvimento do pai tem sido destacado como aspecto essencial para o estabelecimento de vínculo entre mãe, pai e filho (Farias *et al.*, 2023).

Na mesma perspectiva, estudo qualitativo desenvolvido em um Centro de Saúde de Florianópolis/SC, com cinco casais grávidos, indicou que a vivência de paternidade pode estar associada a dois significados: um deles é representado pelo pai afetivo e cuidador e o outro pelo pai provedor da casa. Este segundo está associado ao papel social e culturalmente estabelecido de que o pai precisa se envolver, basicamente, com o sustento da família. Sob esse ponto de vista, exclui-se a participação do homem do processo gravídico e do desenvolvimento dos filhos (Zampieri *et al.*, 2012).

No presente estudo, o significado de paternidade foi associado à participação, cuidado, responsabilidade, compromisso e trabalho, além do auxílio, carinho, apoio e atenção na criação dos filhos. Considerando as ponderações trazidas no estudo desenvolvido em Florianópolis/SC (Zampieri *et al.*, 2012), pondera-se que os participantes do estudo apresentam um olhar ampliado sobre a paternidade, demonstrando o desejo de ultrapassar a função de provedores, assumindo, também, o papel de cuidadores no contexto familiar. Logo, eles vêm rompendo esse antigo paradigma de provedor da casa e estabelecendo uma nova vivência de paternidade.

Os participantes ainda destacaram a importância de serem vistos pelos filhos como uma referência, assim como o desejo de criar pessoas melhores para o mundo e de vivenciar esse processo diferente da forma como eles experienciaram enquanto filhos. Nessa perspectiva, autores esclarecem

que a criação dos filhos pelos homens leva em consideração a referência de pai que tiveram quando crianças. A partir dessas experiências prévias, os homens definem como querem vivenciar a paternidade (Visentin, Lhullier, 2019).

Para os participantes do presente estudo, o desejo de se envolver no processo gravídico-puerperal esteve associado ao amadurecimento, à empatia, ao reconhecimento sobre a necessidade de apoiar e cuidar da sua companheira, ao fortalecimento de vínculo familiar e a importância da divisão compartilhada de tarefas. De forma convergente, pesquisa realizada em Brasília/DF com 18 pais, destacou que a transição da paternidade pode ser carregada de novas responsabilidades e a oportunidade de amadurecimento, pois após a descoberta da gravidez, os homens passam a lidar com mudanças significativas (Santos *et al.*, 2021).

Assim, é importante ressaltar que a participação do homem pode impactar positivamente nas suas experiências com o bebê e com a companheira. O estabelecimento de vínculo inicial com o bebê é capaz de contribuir para a criação de memórias afetivas, além de fortalecer a confiança e o companheirismo entre o casal (Farias *et al.*, 2023). Em consonância com esses achados, pesquisa qualitativa realizada com dez puérperas em Pato Branco/PR também sinaliza que o apoio paterno no processo gravídico promove apoio, segurança e empoderamento da mulher, além de fortalecer o vínculo com a criança, refletindo diretamente na saúde da família (Farias *et al.*, 2023).

Diante disso, observa-se que o pai tem assumido uma postura mais ativa diante do ciclo gravídico-puerperal (Bernardi *et al.*, 2023), conforme pode-se observar nos depoimentos dos participantes do estudo em tela. Nesse sentido, eles pontuaram a importância do seu envolvimento na gestação.

Esses achados coadunam-se com os resultados de pesquisa qualitativa desenvolvida com 15 pais, com o objetivo de investigar a participação do pai nas consultas pré-natais, no parto e no pós-parto sob a perspectiva masculina. Nesse estudo, também foi constatado o desejo dos homens em participar do ciclo gravídico-puerperal. Entretanto, os autores sinalizam que, em alguns casos, a presença do pai é restrita, devido aos estereótipos de gênero, que reforçam a ideia de que esses eventos são estritamente femininos (Bernardi *et al.*, 2023).

De forma semelhante, estudo realizado com 22 homens, em Rio Grande/RS, demonstrou que eles se sentiram excluídos pelos profissionais nos serviços de saúde. Segundo os participantes, a figura paterna ainda é vista como acompanhante da mulher, sendo a assistência direcionada somente a ela e ao bebê. Com isso, os autores sugerem a revisão de estratégias de intervenção em saúde de forma a contemplar a inserção dos pais como participantes ativos no cuidado (Costa *et al.*, 2023).

No estudo em tela, a restrição quanto à presença paterna foi destacada por um dos participantes com relação às consultas pediátricas e a vacinação do bebê. Já nas vivências dos pais com relação à gestação, ao parto e ao puerpério, esse aspecto não foi mencionado pelos participantes, evidenciando que a sua presença foi permitida nesses momentos.

Reforça-se a importância da participação paterna nos atendimentos em saúde à materno-infantil. Compreende-se que, nesses espaços, as informações sobre a assistência são compartilhadas e

discutidas pelos profissionais de saúde com os usuários. Logo, o pai, como integrante fundamental da rede social de apoio à mulher, precisa ser incluído para que possa participar efetivamente do cuidado à companheira e ao bebê.

Além disso, é preciso sinalizar os benefícios da participação do pai nesse processo. Pesquisa realizada em Chicago, com 95 gestantes, por exemplo, evidenciou que a participação do pai na gestação está associada a menor ocorrência de sintomas depressivos e maior bem-estar psicológico (Giurgescu, Templin, 2015). Ainda, estudo descritivo aponta que o envolvimento do pai na gravidez está diretamente associado ao melhor desenvolvimento da paternidade e do vínculo com o filho após o nascimento, além de ser benéfico para o convívio familiar (Silva *et al.*, 2021).

Os participantes do presente estudo também relataram a importância da sua participação no parto, pós-parto, nascimento e nos cuidados com o bebê. Todavia, em se tratando do parto e nascimento, foram mencionadas barreiras nas instituições, que dificultam a presença do pai nesses eventos.

Autores enfatizam que, apesar dos benefícios significativos, a presença paterna no parto e nascimento permanece pouco valorizada. Muitas instituições ainda estão centradas em um modelo assistencial, que banaliza as escolhas e direitos das gestantes no momento do parto, o que inviabiliza a presença paterna ou de outro acompanhante, apesar de existir legislação que garanta esse direito (Bernardi *et al.*, 2023).

Posto isso, compreende-se que é preciso rever a atenção à saúde obstétrica vigente, buscando romper o modelo tecnocrata e biomédico existente na maioria das instituições. A partir disso, considera-se que será possível reduzir ou eliminar as situações de violência obstétrica, buscando novas formas de parir e nascer de forma mais humanizada e respeitadora (Santos, 2019).

Nesse sentido, a Lei 11.108 determina que os serviços públicos e privados devem garantir o direito à presença de acompanhante, durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. A presença do acompanhante impacta positivamente no parto e nascimento, pois fornece apoio físico e emocional à mulher, podendo reduzir a necessidade de analgesia intraparto, o tempo de parto e a necessidade de cesárea (Quadros *et al.*, 2023).

Ainda, é válido frisar os achados de estudo de abordagem qualitativa, que teve como participantes nove homens que estiveram em um hospital de referência em parto humanizado e participaram do parto de seus filhos. Nesse estudo, constatou-se que a experiência de participar do parto abriu uma possibilidade de aproximação do homem aos sistemas de saúde para a manutenção do bem-estar. Portanto, com a participação no processo de parto e nascimento, os homens reconheceram a importância do autocuidado e a necessidade de maior participação no cuidado da família, permitindo a resignificação e a construção de uma nova identidade masculina (Braide *et al.*, 2018).

Com relação aos cuidados com o bebê, um participante destacou que, social e culturalmente, é atribuída à mulher a função de participar nas consultas pediátricas e na vacinação. Com isso, muitas vezes, os homens têm dificuldade em participar desses momentos. Diante disso, entende-se que,

muitas vezes, a sociedade impõe a responsabilidade do acompanhamento do bebê à mulher. Com isso, reforça-se a ideia de que o homem não precisa se envolver com o cuidado da criança, pois essa é uma função estritamente materna.

Estudo realizado no Paraná com 12 profissionais de saúde, destaca que os homens precisam ser incluídos no cuidado à criança, a partir da troca de fraldas, na realização do banho ou no apoio à amamentação. A partir dessas ações, que contribuem para o desenvolvimento da relação afetiva, eles conseguem fortalecer a intimidade com o bebê e na relação conjugal (Soares *et al.*, 2019).

Nesse sentido, cabe frisar que os participantes sinalizaram dificuldades enfrentadas para participar ativamente do cuidado à companheira e ao filho. Além do pouco tempo garantido pela licença paternidade, eles mencionaram que, muitas vezes, os atendimentos ocorrem durante a jornada de trabalho, o que inviabiliza a sua participação.

Fortalecendo este achado, estudo conduzido nos Estados Unidos, aponta que a licença-paternidade e a duração desse afastamento estão positivamente associadas ao engajamento e à responsabilidade dos pais. Logo, percebe-se a importância de garantir esse direito aos homens, de modo contribuir para o seu envolvimento no cuidado materno-infantil (Knoester, Petts, Pragg, 2019).

Porém, estudo desenvolvido em Tabriz, no Irã, afirma que a licença paternidade é aplicada de forma superficial, sendo impactada também pela falta de apoio dos empregadores. Com isso, muitas vezes, os homens têm receio em se afastar do serviço por receio de perder o emprego (Firouzan *et al.*, 2019). No Brasil, se a empresa estiver associada ao Programa Empresa Cidadã, além dos cinco dias garantidos por lei, o funcionário tem direito à ampliação da licença paternidade para mais quinze dias, conforme a Lei nº 13.257, de 08 de março de 2016 (Brasil, 2016). Entretanto, nem todas as empresas estão associadas ao Programa, o que impacta diretamente na duração da licença-paternidade.

Pondera-se que o homem pode vivenciar ativamente a gravidez, parto, puerpério e criação dos filhos. Logo, é necessário ampliar o olhar sobre esses eventos, ultrapassando a perspectiva biológica (Santos *et al.*, 2018) e aprimorando as políticas públicas, que apoiam a participação paterna, tendo em vista a importância da sua inclusão nesse processo (Bernardi *et al.*, 2023).

No presente estudo, os participantes também destacaram a necessidade de estímulo advindo dos profissionais de saúde para a inclusão do pai no processo gravídico-puerperal. Com isso, pondera-se que o enfermeiro pode acolher o homem, por meio de ações e estratégias que contribuam para o desenvolvimento da sua participação (Lima *et al.*, 2023).

Os participantes sinalizaram a possibilidade de fornecimento de cartilhas e a realização de orientações sobre amamentação ou a introdução de fórmulas, quando necessário. A partir desses depoimentos, compreende-se o desejo dos pais pelo desenvolvimento de ações de educação em saúde, que permitam a sua instrumentalização para o cuidado à companheira e aos filhos.

Sabe-se que a educação em saúde é uma atribuição do enfermeiro, que tem como principal objetivo a disseminação de informações. A partir da escuta ativa e das trocas de conhecimentos, que

podem ser desenvolvidas de diversas formas, incluindo os grupos de gestantes, o enfermeiro pode qualificar o cuidado fornecido à família (Costa *et al.*, 2023).

Um dos participantes destacou dificuldades vivenciadas na amamentação, junto a sua companheira, reforçando a ausência de orientações sobre amamentação ou a introdução de fórmula infantil. Tal achado evidencia a necessidade de ações educativas desenvolvidas pelos profissionais de saúde, contribuindo para a participação paterna na alimentação do bebê.

Pesquisa realizada em Juazeiro do Norte/CE, com 220 homens, destacou o conhecimento superficial sobre aleitamento materno, o que colaborava para a oferta de papinha, leite artificial, chás e água aos bebês. Ademais, observou-se que muitos desconheciam sobre as vantagens da amamentação (Bráulio *et al.*, 2021).

CONCLUSÕES

A pesquisa foi fundamental para o conhecimento das vivências da paternidade entre homens, identificando os significados atribuídos, assim como as dificuldades enfrentadas e as possibilidades para promover a participação paterna. Os achados permitem verificar que os pais têm uma nova percepção quanto à paternidade, reconhecendo a importância da sua presença e envolvimento ativo para o desenvolvimento do vínculo afetivo nas relações familiares. Ainda, foi evidenciado que, apesar da existência de ações e estratégias para a participação paterna nos serviços de saúde, eles nem sempre conseguem participar, pois os atendimentos de saúde direcionados ao bebê e à companheira acontecem no mesmo horário da jornada de trabalho. Além disso, destacam que, culturalmente, os profissionais de saúde tendem a dirigir a assistência ao bebê apenas à mulher.

Como estratégias para promover a participação paterna, os participantes sugerem que os profissionais de saúde incentivem a sua inclusão. Eles também indicam a necessidade de estratégias educativas, no formato de cartilhas, que permitam maior instrumentalização do homem para o desenvolvimento do cuidado materno-infantil.

A partir dos achados, reconhece-se que este estudo apresenta contribuições para a construção do conhecimento relacionado à vivência da paternidade, podendo subsidiar o debate no ensino e nos serviços de saúde sobre a importância de incluir os pais para melhorar o bem-estar parental e o vínculo com o bebê. Ademais, infere-se que identificar os desafios vivenciados pelos pais pode ser útil na elaboração de estratégias que possam melhorar a sua participação.

Dentre as limitações do estudo, considera-se que o contexto pandêmico vivenciado durante a coleta de dados pode ter impactado na captação dos pais, que não tinham acesso à internet e às plataformas digitais. Nesse sentido, sugere-se a realização de novos estudos que permitam ampliar a participação do público masculino, permitindo conhecer como vem sendo construída a vivência da paternidade em outros contextos e grupos. Sob essa perspectiva, ainda vale destacar que o estudo

contou com a participação de homens heterossexuais e cujos filhos eram biológicos. Logo, compreende-se a necessidade de incluir diferentes configurações familiares, a fim de garantir maior representação sobre as vivências paternas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, G. S. **Atuação dos profissionais de saúde no incentivo ao exercício da paternidade durante o pré-natal** [Trabalho de conclusão de curso]. Universidade de Brasília. Faculdade de Ceilândia. Curso de Enfermagem. Brasília, 2020.
- ANDREWS, K.; AYERS, S.; WILLIAMS, L. R. The experience of fathers during the COVID-19 UK maternity care restrictions. **Midwifery**, v. 113, 2022.
- BERNARDI, D.; MELLO, R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Participação paterna no pré-natal, parto e pós-parto: um estudo sobre a perspectiva do pai. **Revista Psico**, v. 54, n. 1, 2023.
- BOHREN, M. A. *et al.* Perceptions and experiences of labour companionship: a qualitative evidence synthesis. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 3, 2019.
- BRAIDE, A. S. G. *et al.* Sou homem e pai sim! (Re)construindo a identidade masculina a partir da participação no parto. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, e190, 2018.
- BRAÚLIO, T. I. C. *et al.* Conhecimento e atitudes paternas acerca da importância do aleitamento materno. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 25, n. 4, 2021.
- CAVALCANTI, T. R. L.; HOLANDA, V. R. Participação paterna no ciclo gravídico-puerperal e seus efeitos sobre a saúde da mulher. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 1, p. 93-98, 2019.
- COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 7, p. 15-37, 2018. DOI: 10.9771/23172428rigs.v7i1.24649.
- COSTA, M. G. *et al.* Inclusão de homens em serviços de saúde e atividades educativas: percepção dos pais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 44, e20220047, 2023.
- FARIAS, I. C.; FIORENTIN, L. F.; DE BORTOLI, C. F. C. Benefícios da participação paterna no processo gestacional. **Journal of Nursing and Health**, v. 13, n. 1, 2023.

FIROUZAN, V.; NOROOZI, M.; FARAJZADEGAN, Z.; MIRGHAFORVAND, M. Barriers to men's participation in perinatal care: a qualitative study in Iran. **BMC Pregnancy and Childbirth**, v. 19, n. 1, p. 45, 2019.

GIURGESCU, C.; TEMPLIN, T. Father involvement and psychological well-being of pregnant women. **MCN American Journal of Maternal Child Nursing**, v. 40, n. 6, p. 381-387, 2015.

HENZ, G. S. *et al.* **A inclusão paterna durante o pré-natal**. 2017. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/9f9ba4ae-71e4-4f5f-a644-7cdc983ff647/content>. Acesso em: 27 jan. 2025.

BRASIL. **Lei n.º 13.257**, de 8 de março de 2016. Institui a Lei da Empresa Cidadã. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 27 jan. 2025.

KNOESTER, C.; PETTS, R. J.; PRAGG, B. Paternity leave-taking and father involvement among socioeconomically disadvantaged U.S. fathers. *Sex Roles*, v. 81, n. 5-6, p. 257-271, 2019. DOI: 10.1007/s11199-018-0994-5.

LIMA, K. S. V. *et al.* Father's participation in prenatal care and childbirth: contributions of nurses' interventions. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 39, n. 2, e13, 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia do pré-natal do parceiro para profissionais de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

QUADROS, C. B. *et al.* Ausência de acompanhamento familiar e fatores associados nos partos da zona urbana de uma cidade do sul do Brasil: fato ou ficção? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, e230053, 2023.

ROMANO, M. A. V.; SILVA, F. L.; LIMA, S. E. S. Papéis de gêneros e a vivência da paternidade: um relato de experiência de uma intervenção educativa em saúde. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 4, n. 3, p. 384-389, 2023.

SANTOS, C. *et al.* Percepção do pai sobre os reflexos de sua presença da concepção ao pós-parto imediato para o casal e recém-nascido. **Revista da Jornada da Pós-Graduação e Pesquisa-CONGREGA URCAMP**, p. 492-509, 2018.

SANTOS, G. G. Pai de primeira viagem, momento impactante ao ver meu filho nascer: um relato de experiência. **Revista Científica de Enfermagem**, v. 9, n. 28, p. 176-183, 2019.

SANTOS, S. S. *et al.* A construção da paternidade ao nascimento do filho a termo e saudável. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, p. 767-778, 2021.

SILVA, J. F. T. *et al.* Benefits of paternal participation in the pregnancy-puerperal cycle for the consolidation of the mother-father-child triad. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e475101119927, 2021.

SOARES, N. C.; BERNARDINO, M. P. L.; ZANI, A. V. Insertion of the father in the care of the hospitalized preterm infant: perception of the multiprofessional team. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 37, n. 3, p. 283-290, 2019.

VÉRAS, É. A.; OLIVEIRA, F. P. M. Políticas públicas para a maternidade: uma análise das licenças por maternidade e paternidade à luz da igualdade e da sustentabilidade social. **Index Law Journals**, v. 3, n. 1, p. 115-134, 2017.

VIEIRA, N. B.; FRANÇOZO, M. F. C. Mudanças e permanências: percepções de homens/pais sobre paternidade e vida familiar. **Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 9, n. 2, p. 154-165, 2021.

VISENTIN, P. M.; LHULLIER, C. Representações sociais da paternidade: um estudo comparativo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 3, p. 305-312, 2019.

WYNTER, K. *et al.* Midwives' experiences of father participation in maternity care at a large metropolitan health service in Australia. **Midwifery**, 2021.

ZAMPIERI, M. F. M. *et al.* O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 483-493, 2012.